

Prática de estágio em psicologia em meio a pandemia: relato de experiência

Thalita Francieli Corso¹

Katiane Lilian da Silva²

Ana Claudia Menini Bezerra³

Resumo: O presente artigo teve como objetivo apresentar um relato de experiência de estágio profissional em Psicologia, em meio a pandemia do novo coronavírus. A partir dos pressupostos da abordagem psicanalítica, pretendeu-se refletir quais as implicações da pandemia no desenvolvimento do estágio, bem como os sentimentos despertados. A prática de estágio foi desenvolvida no Núcleo Clínico do Serviço-Escola de Psicologia de um centro universitário na região metropolitana de Porto Alegre/RS, no qual realizam-se atendimentos clínicos individuais. Em um primeiro momento, as atividades presenciais do serviço foram suspensas, seguindo os decretos municipais e as orientações das instituições sanitárias. Neste momento, muitas angústias e questionamentos surgiram, tais como o medo de se contaminar ou transmitir o vírus, além do sentimento de frustração por estar impossibilitada de exercer a prática em um momento mundial tão difícil. Somente após um decreto municipal e uma série de medidas de prevenção, as atividades foram retomadas com os pacientes que não fossem dos grupos de risco da Covid-19 e não tivessem comorbidades. Embora o cenário pudesse acarretar em elevados níveis de ansiedade, as demandas dos pacientes atendidos apresentaram uma urgência relacionada a demandas subjetivas pré-existentes, não se restringindo à pandemia. Durante o período de suspensão das atividades, as supervisões locais e acadêmicas continuaram acontecendo de maneira remota, possibilitando aos estagiários um espaço de acolhimento e troca de experiências, além da discussão dos casos em atendimento. A experiência de estágio em meio à pandemia mostrou-se desafiadora, porém de extrema importância, na qual, a partir da apreensão dos conceitos da Psicanálise, foi possível compreender o papel do psicólogo neste momento, bem como ressignificar a prática, voltando-a ao cuidado e a atualização profissional. Além disso, concluiu-se que o tratamento pessoal é imprescindível para a realização da prática de estágio, oferecendo ao estagiário um espaço de fala e elaboração.

Palavras-chave: Estágio clínico; Psicanálise; Pandemia.

¹ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Psicologia. E-mail: thalita_corso@hotmail.com

² Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Psicologia. E-mail: katianesilva.psi@gmail.com

³ Centro Universitário Cesuca. Docente do curso de Psicologia. E-mail: ana.bezerra@cesuca.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O presente relato tem por objetivo abordar a vivência da prática de estágio profissional em Psicologia em meio a pandemia do novo coronavírus, considerando as implicações da mesma na execução do estágio. Além disso, pretende-se refletir sobre o mal-estar que esse momento impõe bem como sobre o papel do psicólogo em situações de crise.

A pandemia do novo coronavírus (Covid-19) tem afetado o mundo em larga e rápida escala, deixando vítimas de todos os gêneros, raças e classes sociais, causando também repercussões em diversos setores da sociedade. Uma das principais providências tomadas contra o Covid-19 foi a medida de distanciamento social, orientada por diversas instituições sanitárias mundiais, com o intuito de preservar a integridade física da população e das equipes dos serviços essenciais - dentre eles os serviços de saúde, que rapidamente poderiam estar sobrecarregados - além de desacelerar a curva do contágio.

Foi necessário o afastamento daqueles que amamos, principalmente dos mais idosos e demais pertencentes dos grupos de risco, bem como abdicarmos dos nossos postos de trabalho e reorganizarmos nossa rotina diária. Essa renúncia a diversas formas de contato com o outro leva a vivências de frustrações que impactam ainda mais a vida neste cenário.

Em seu texto social, “Mal Estar na Civilização”, Freud afirma que a civilização se estrutura a partir da renúncia à satisfação pulsional, além do frequente exercício de repressão das pulsões, nos afastando de nossa natureza instintiva e contrapondo-se ao indivíduo, que pleiteia sua felicidade, tentando a todo custo esquivar-se de suas fontes de sofrimento (Freud, 1996). Dentre estas, estão a força da natureza, a fragilidade do nosso corpo - neste momento ameaçado por um vírus invisível e ao mesmo tempo de força incontrolável - e o sofrimento resultante das nossas relações. Segundo Daltro e Barreto (2020), as demandas características da vida em sociedade promovem um mal-estar que transpassa o indivíduo, produzindo sintomas e formas de adoecimento na constante busca entre a satisfação pessoal e o desenvolvimento da civilização.

Por despertar uma crise sanitária mundial, a pandemia exerce em nosso psiquismo uma onipresença mortificante. Souza (2020) analisa que o coronavírus, a partir de seu poder de devastação, fragiliza a todos de alguma forma - ainda que não estejamos doentes - nos colocando desacompanhados e impossibilitados de buscar abrigo uns nos outros. Desta maneira, “nossa união no enfrentamento coletivo do vírus é, ao mesmo tempo, uma separação de corpos” (Souza, 2020). Conforme o psicanalista Dunker (2020), o coronavírus, do ponto de vista da nossa angústia, representa a “coroa” que veio para nos tirar de nossos imodestos tronos,

colocando-nos lado-a-lado, em sua “justa dimensão”, despindo-nos de nossas armaduras sociais e convocando-nos a uma experiência de humildade perante o outro e à vida.

Todavia, a pandemia no Brasil soma-se à necropolítica, a qual debilita ainda mais as camadas sociais vulneráveis. Embora o engajamento ao distanciamento social se apresente como a única solução viável e eficaz no momento, ainda não encontramos condições de unificação nos discursos, visto que muitas pessoas insistem em seguir suas vidas “normalmente” em defesa da economia, mesmo havendo a possibilidade real de não ter para quem a retornar.

De acordo com Neto (2020), além da pandemia devido ao novo coronavírus, estamos vivenciando uma epidemia de pânico, na qual diante da angústia de morte e das incertezas em relação à doença, surgem graves e distintas reações. Uma destas reações é a negação do problema, em que as pessoas não só deixam de tomar os cuidados recomendados pelos especialistas em saúde, como nutrem reações de rebeldia, manifestações violentas, descaso e até mesmo ódio em relação aos menos favorecidos e àqueles diferentes deles.

Dentre outras importantes ações no enfrentamento ao coronavírus adotaram-se, além do distanciamento social, a quarentena em instituições de ensino públicas e privadas, bem como medidas preventivas de higiene - principalmente a lavagem das mãos com água e sabão, o uso de álcool em gel 70% e o uso de máscaras de proteção facial. O *home office* e as aulas *online* tornaram-se atividades frequentes no dia a dia de muitas pessoas, sobretudo aquelas que possuem condições socioeconômicas de sustentar sua atividade de maneira remota através de dispositivos eletrônicos e internet.

Nesse contexto, os serviços de atenção psicológica passaram a ser uma das novas demandas neste cenário pandêmico. Segundo Ornell, Schuch, Sordi e Kessler (2020), as variadas implicações de uma pandemia na sociedade podem gerar sentimentos de desamparo e abandono, além da incerteza quanto às repercussões sociais e econômicas futuras. O medo concreto da morte soma-se às angústias vivenciadas, além do medo de ser um transmissor da doença para as pessoas do nosso convívio.

Somado a isso, uma importante ação adotada pelo Conselho Federal de Psicologia foi a Resolução 4/2020, que orienta e regulamenta os atendimentos dos psicólogos por meio das tecnologias *online* durante este período de pandemia. Esta resolução vai ao encontro das orientações das organizações sanitárias e de saúde quanto ao distanciamento social, de maneira que os profissionais possam continuar ofertando um espaço de escuta e acolhimento à população adoecida mentalmente.

Conforme estudos de Vasconcelos e Cury (2017), a prática psicológica em situações extremas (nas quais há elevado risco aos profissionais, além das próprias pessoas afetadas, seja em termos de segurança ou bem estar) se destaca por alguns elementos: conviver com o risco, pertencer a uma organização humanitária, desenvolver a prática em sintonia com as especificidades da situação, assumir uma postura de permeabilidade e se adaptar às condições locais possibilitando uma relação intersubjetiva com as pessoas e a situação. Tais elementos revelam-se como fundamentais nestes contextos, auxiliando na construção de um modo próprio de exercer a prática psicológica.

As autoras apontam, também, às novas perspectivas em relação à clínica tradicional, oportunizando a criação de novos enquadres, direcionados ao favorecimento de uma prática voltada ao cuidado, à atualização profissional e à retomada da autonomia da pessoa assistida. “Preparar-se para enfrentar o imponderável insere-se na rotina do psicólogo como parte do instrumental de trabalho, abalizando a intervenção e exigindo atitude de cuidado constante não somente com o outro, mas consigo mesmo” (Vasconcelos & Cury, 2017, p. 485).

A prática de estágio na formação em Psicologia é fundamental para o exercício profissional e uma das etapas mais importantes da graduação. É a partir da prática supervisionada que o aluno irá desenvolver sua identidade profissional, integrando e compreendendo as relações entre teoria e prática, pautando sua atuação em uma postura ética e de acordo com o Código de Ética do Psicólogo. Outrossim, a supervisão em Psicologia destaca-se como “peça-chave” nos processos de construção de uma identidade própria enquanto profissional. Conforme Sei e Paiva (2011, p. 14), a supervisão tem não só o papel de resguardar a qualidade dos atendimentos realizados, como de proporcionar um “ambiente suficientemente bom”, fazendo o papel de *holding*, fornecendo o suporte necessário para o estagiário desenvolver o seu potencial de maneira autônoma.

Espera-se que, ao final das práticas de estágio, o supervisionando tenha desenvolvido as competências e habilidades necessárias ao fazer do psicólogo, a partir da troca experiências com os demais membros do grupo de supervisão e discussões mediadas pelo supervisor responsável (Menezes & Medrado, 2013). Contudo, situações extremas podem irromper a prática e trazer outros significados a esta etapa da formação.

Concomitantemente a uma série de regulamentações e orientações quanto à prática do psicólogo em situações de crise, existem momentos em que essa prática fica impedida. Como nos casos dos Serviços-Escola de Psicologia, os quais tiveram seus atendimentos

temporariamente suspensos, uma vez que os mesmos seriam oferecidos por estagiários que não possuem treinamento técnico e nem permissão legal de realizar atendimentos *online*.

Este rompimento com a prática em um momento mundial tão difícil traz consigo um duplo sentimento de frustração, tanto por atravessar diretamente a formação profissional em Psicologia, quanto por impossibilitar os atendimentos quando talvez as pessoas mais precisem dele. A partir dessas reflexões, o presente trabalho pretende abordar uma experiência de estágio em meio a pandemia, bem como suas implicações para o desenvolvimento deste, frente aos pressupostos da abordagem psicanalítica.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O estágio profissional em Psicologia foi desenvolvido no Núcleo Clínico do Serviço-Escola de Psicologia de um centro universitário da região metropolitana de Porto Alegre/RS. O SEP é um projeto do curso de Psicologia, em caráter aberto, que oferece serviços em diferentes núcleos à comunidade, além de ser um espaço para formação e aprendizado acadêmico. Os núcleos de atendimento são divididos em Acolhimento e Grupos, Clínico, Comunitário e Jurídico.

O Núcleo Clínico é o responsável pelos atendimentos individuais do serviço, a partir da abordagem psicanalítica, na modalidade de psicoterapia breve. O objetivo dos atendimentos é minimizar o sofrimento psíquico daqueles que buscam a instituição. Os pacientes da clínica entram por meio do núcleo de acolhimento e, posteriormente, são encaminhados para o núcleo mais adequado, conforme a demanda observada.

Com o início da quarentena e medidas de distanciamento social, as atividades de estágio foram temporariamente suspensas, tendo seu retorno somente três meses depois. Neste período muitas angústias e questionamentos despertaram, como o medo de se contaminar ou transmitir o vírus, voltar para cumprir a carga horária ou arriscar ter a formatura adiada. Além disso, surgiu um duplo sentimento de frustração, considerando que este é um momento muito esperado e planejado da formação, contudo, tivemos nossa atuação impedida por uma situação fora de nosso controle, deixando de atender nossos pacientes num momento tão delicado.

Embora se tenha cogitado a possibilidade de realizar atendimentos telefônicos aos pacientes, devido às orientações do CFP quanto ao caráter presencial do curso e das atividades práticas, bem como da falta de treinamento técnico dos estagiários para tal atendimento, essa modalidade ficou inviável. Somente após um decreto municipal as atividades do serviço-escola retornaram com uma série de medidas de proteção, como a adaptação dos consultórios nos

espaços de aula, o distanciamento entre terapeuta e paciente, o uso de máscaras de proteção facial, a higienização das salas antes de cada atendimento, uso de álcool em gel e aferição de temperatura na entrada da faculdade.

Num primeiro momento, foram chamados somente os pacientes fora do grupo de risco, acima dos dezesseis anos e que não apresentassem nenhuma comorbidade. Também foi formulado um termo de responsabilidade que, tanto pacientes quanto estagiários, responsabilizavam-se pelo cumprimento das medidas, bem como do cuidado com sua própria saúde. Embora o atual cenário possa acarretar em elevados níveis de ansiedade, estresse e até mesmo depressão, as demandas dos casos em atendimento apresentaram uma urgência com relação a demandas subjetivas, ou seja, relacionadas às demandas pessoais dos pacientes, não se restringindo à pandemia. É importante ressaltar que, cada indivíduo vivencia a pandemia a partir da sua subjetividade, o que deve ser considerado no momento dos atendimentos. De forma a manter o sigilo dos casos, serão utilizadas as iniciais dos pacientes atendidos.

O paciente A, de 16 anos, foi encaminhado para atendimento individual por apresentar dificuldades de relacionamento com os pares. O adolescente, que mora com a mãe e a avó, apresentou sintomas ansiosos e dificuldade nas interações sociais e familiares, não mantendo relações sociais durante o confinamento, o que acabou aumentando seus sintomas. “Eu fico mais no meu quarto jogando mesmo... não gosto de conversar. A minha mãe é surda, e eu não tenho muita paciência de ficar falando.” [sic]

Já a paciente B, de 53 anos, buscou atendimento demonstrando dificuldade em relacionar-se com a nora, além de sintomas ansiosos. Com a quarentena, a paciente, que é diarista, teve sua rotina de trabalho diminuída, ocasionando com que passasse mais tempo em casa com a família e, conseqüentemente, aumentando os conflitos com a nora. “Eu trabalho fazendo limpeza né, e minhas faxinas diminuíram muito com essa pandemia, e eu tô ficando mais tempo em casa. E quando eu tô no serviço, eu não tenho vontade de ir pra casa...” [sic]

Ao observar o resumo dos casos e a fala dos pacientes, percebeu-se que as implicações da pandemia afetaram A e B, mesmo que de maneira indireta. A suspensão ou diminuição das atividades de setores como a Educação e a Economia acabaram por modificar as estruturas sociais nas quais os pacientes estavam inseridos, provocando o aumento de sofrimento psíquico.

Durante a suspensão das atividades, as supervisões locais e acadêmicas continuaram acontecendo de forma *online*. As supervisões proporcionaram um espaço de escuta, acolhimento, troca de experiências e sentimentos em relação a pandemia, além da discussão dos casos em atendimento. A partir dos pressupostos da Psicanálise e das discussões em grupo,

foi possível compreender as implicações da pandemia em diferentes campos, bem como o nosso papel enquanto futuros psicólogos em situações extremas.

O retorno das atividades práticas foi importante para trazer um pouco de normalidade para nossa rotina no contexto de pandemia. Contudo, foram observados alguns sentimentos como insegurança ao retornar os atendimentos, além do medo de conviver com o vírus. Tais sentimentos foram trabalhados em supervisão e compreendidos a partir da posição do psicoterapeuta, que, embora tenha suas resistências, deve “caber em si” e ser um espelho para que o paciente possa depositar as suas próprias inseguranças e sentimentos, ocupando o lugar do objeto. É necessário que o terapeuta possa fazer silêncio-em-si, para que surja o momento transferencial.

3 DISCUSSÃO

Freud (1996) afirma que o propósito e a intenção da vida humana é o princípio do prazer, o qual apresenta domínio sobre o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Contudo, a satisfação das necessidades a qual chamamos de “felicidade” provém de manifestações episódicas, enquanto situações de desprazer são muito mais comuns de experimentar. Situações estas, são as fontes de sofrimento as quais o homem tenta a todo custo esquivar-se, deixando em segundo plano a obtenção de prazer. Da mesma forma, a impossibilidade de sublimar nossos instintos enquanto psicoterapeutas, também pode ser geradora de sofrimento - embora, mesmo se estes instintos fossem satisfeitos, não equiparar-se-iam à real obtenção de prazer.

Nesse contexto, o confinamento e as medidas de prevenção nos levam a refletir a importância da vida humana frente a impossibilidade de prazer. Segundo Daltro e Barreto (2020), este momento afeta diversos setores da sociedade de consumo, colocando-nos a olhar mais para dentro de nós mesmos e para o outro.

Dunker (2020) destaca nossas ilusões a respeito do controle sobre o mundo e sobre nossas próprias vidas. A falta de domínio em meio a pandemia gera sentimentos de angústia e frustração perante as incertezas do vírus, demonstrando nossa fragilidade frente ao diferente, necessitando que busquemos medidas objetivas e um trabalho subjetivo. Ao mesmo tempo, para o nosso narcisismo, esta pode ser uma experiência transformadora de humildade frente aquilo que desconhecemos. Como podemos observar nos pacientes atendidos, quando tiveram suas rotinas alteradas e acabaram perdendo o controle sobre a condução das suas vidas.

Quanto às atividades de supervisão, Menezes e Medrado afirmam que (2013), tanto as atividades não-realizadas quanto os sentimentos e possíveis desdobramentos envolvidos no

processo de estágio fazem parte do chamado “trabalho real” de supervisão. Considerando que as situações de trabalho ocorrem de maneira dinâmica o estagiário torna-se então sujeito ativo em seu processo de aprendizagem. Neste sentido, a função do supervisor é de fornecer um olhar perante as individualidades dos estagiários, bem como assegurar um atendimento ético e adequado aos pacientes.

Além disso, as autoras ressaltam a importância da supervisão como um espaço no qual a aprendizagem se constrói na colaboração com o outro, a partir da linguagem. Assim, a supervisão passa a ser um meio pelo qual o conhecimento avança e se desenvolve através das relações interpessoais entre supervisionandos e supervisor (Menezes & Medrado, 2013).

Desta forma, as supervisões revelaram-se fundamentais para o processo de aprendizagem e desenvolvimento de autonomia no estágio. As inter-relações com supervisora e demais estagiários favoreceram a troca de experiências o compartilhamento de sentimentos pertencentes ao estágio e a pandemia. Mesmo que, por determinado período, as atividades práticas estivessem suspensas, foi possível observar a forma dinâmica como as situações de trabalho se desenvolvem e compreender o papel do estagiário de psicologia neste momento de pandemia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio em Psicologia em meio à pandemia mostrou-se importante e desafiadora. A suspensão das atividades no início do semestre gerou sentimentos de frustração e ansiedade, que puderam ser entendidos como uma vivência que demonstrou a nossa ilusão de controle frente ao vírus.

A apreensão dos conceitos da psicanálise para a compreensão deste momento revelou-se de extrema importância. A partir da vivência de estágio durante a pandemia e da escuta das subjetividades dos pacientes, foi possível ressignificar a nossa prática, voltando-a ao cuidado e à atualização profissional. Através das supervisões, foi possível compreender o lugar do terapeuta, oferecendo uma escuta qualificada e favorecendo o vínculo transferencial. Destaca-se também o tratamento pessoal do estagiário como imprescindível para a vivência clínica, oferecendo um espaço de fala e elaboração, mostrando-se como condição necessária para tornar-se psicoterapeuta.

REFERÊNCIAS

Conselho Federal de Psicologia (2020). Resolução CFP 4/2020. Retrieved from:

<https://site.cfp.org.br/nova-resolucao-do-cfp-orienta-categoria-sobre-atendimento-online-durante-pandemia-da-covid-19/>

Daltro, M., & Barreto Segundo, J. D. (2020). A pandemia que nos mostra quem somos? *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(1), 5-8.

Dunker, C. (2020). O verbo é acalmar-se, e não ser acalmado pelos outros. *O Globo*. Retrieved from:

<https://oglobo.globo.com/cultura/coronavirus-verbo-acalmar-se-nao-ser-acalmado-pelos-outros-escreve-psicanalista-24309204>

Freud, S. (1996). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1929).

Menezes, R. L. C. de. & Medrado, B. P. (2013). Formação em Psicologia Clínica: O estágio supervisionado como atividade potencial de desenvolvimento profissional. *InterScientia*, 1(2), 37-51, João Pessoa.

Neto, J. M. C. (2020). Pandemia do coronavírus, epidemia de pânico e a evolução da humanidade. Ensaios sobre acontecimentos sociais, culturais e políticos do Brasil e do mundo. *Febrapsi*, (150/2020). Retrieved from:

<https://www.febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1502020/>

Ornell, F.; Schuch, J. B.; Sordi, A. O. & Kessler, F. H. P. (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Braz J Psychiatry*. Forthcoming 2020.

Sei, M. B. & Paiva, M. L. S. C. (2011). Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor. *Psicologia: Ensino e Formação*, 2(1), 9-19.

Souza, P. M. de. (2020). A psicanálise, o novo coronavírus e as urgências. Psicanálise em tempos de pandemia. *Correio APPOA*, Editorial 297. Retrieved from:

http://www.appoa.org.br/correio/edicao/297/a_psicanalise_o_novo_coronavirus_e_as_urgencias/831

Vasconcelos, T. P. & Cury, V. E. (2017). Atenção psicológica em situações extremas: compreendendo a experiência de psicólogos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 475-488.